

COMPORTAMENTO em foco

3



Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Comportamento em foco 3

Christian Vichi ... [et al.]. – São Paulo: Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental - ABPMC, 2014.

456 p.

ISBN: 978-85-65768-02-3

1. Cognição 2. Medicina do comportamento 3. Behaviorismo 4. Análise do Comportamento

I. Vichi, Christian II. Título.

BF311

Organização | Christian Vichi
Edson Huziwara
Hérika Sadi
Lidia Postalli

Instituições organizadoras | Associação Brasileira de Psicologia e
Medicina Comportamental - ABPMC

Capa e projeto gráfico miolo | Mila Santoro

Junho 2014

O ENFOQUE DA ANÁLISE EXPERIMENTAL DO COMPORTAMENTO A SERVIÇO DA EDUCAÇÃO SEXUAL: HISTÓRICO E AGENDA

JEHMY KATIANNE WALENDORFF
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

THIAGO DE ALMEIDA¹
Universidade de São Paulo

MARIA LUIZA LOURENÇO
Universidade de São Paulo

“Sexo é coisa muito simples. Eu explico os essenciais em poucas linhas. (...) Pra se entender o sexo há de se entender a música que ele toca. (...) A música que o corpo quer tocar se chama prazer. (...) Os instrumentos da orquestra-corpo são os seus órgãos. (...) todos têm uma utilidade. Além disso, esses mesmos órgãos e membros são lugares de prazer. (...) Entre os órgãos da orquestra-corpo estão os órgãos sexuais. Não há nada de especial que os distingua dos outros. Como os demais órgãos eles são fontes de prazer. Os prazeres do sexo são variados. Vão desde uma sensação muito suave que mais parece uma coceira de bicho-de-pé e que chega a provocar riso, até um prazer enorme, explosão vulcânica, que tem o nome de orgasmo, e que deixa aqueles que por ele passaram semimortos. (...) Mas eles anunciam o fim da brincadeira. (...) Complicados são os pensamentos dos seres humanos sobre ele (o sexo). Os homens por razões que não entendo, passaram a considerar o sexo uma coisa vergonhosa”.

(Rubem Alves, 1999, p. 91-96).

¹ Contato: Thiago de Almeida. Rua: Dom Pedro II, 2066. CEP: 13560-040 Jardim Macarengo São Carlos- SP E-mail de contato com o autor: thiagodealmeida@thiagodealmeida.com.br

CONCEPÇÕES INTRODUTÓRIAS ACERCA DA SEXUALIDADE E DO ENTENDIMENTO CULTURAL DE SEXO

A sexualidade não é atributo ou privilégio dos adultos como se pensava em outros tempos, tampouco se restringe à relação sexual, sensualidade ou erotismo, muito embora, sejam estas as primeiras associações que fazemos. Segundo Foucault (1990), a sexualidade tem a idade do próprio homem, embora as concepções de sexualidade possam variar de acordo com a sociedade, a história, o grupo social e as diversas ciências humanas que se relacionam ao ramo que a estuda. Sexualidade é um conjunto de processos interrelacionados que permeiam toda a existência humana e está presente em todas as fases da vida. A sexualidade determina, por exemplo, como cada um lida com a afetividade, com sua capacidade de entrega, com sua comunicação interpessoal e a maneira como cada pessoa lida consigo mesma e com o outro. A partir dessa perspectiva pode-se perceber que sexualidade é prazer que vai para além do ato sexual, confunde-se com o próprio prazer de viver e com a qualidade que cada um imprime ou não à sua vida (Foucault, 1982), e que está de acordo ao que Guimarães (1995) nos coloca quando afirma que “o homem foi elaborando, histórica e culturalmente, um conjunto de posturas em torno do sexo, que fez com que este transcendesse o próprio sexo. Surgiram tantas exigências, regras, cerimônias, interdições e permissões que tornaram a atividade sexual um tabu” (p. 23).

Entretanto, frequentemente a sexualidade é entendida somente por uma visão mecânica dos órgãos sexuais, funcionamento e prevenção contra² DSTs e ISTs. Então, de acordo com esta perspectiva, Laplanche e Pontalis (1970) fundamentam a conceituação da sexualidade:

“...não designa apenas as atividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas toda uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância, que proporcionam um prazer irredutível à satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental...”
(p. 619).

Dessa forma, pode-se compreender a sexualidade como um conceito abrangente que engloba, além do sexo, os sentimentos, afetos, concepções de gênero, entre outras manifestações relacionadas, que correspondem a diferentes formas de expressão humana e envolvem representações, emoções, desejos, erotismo, sentimentos de afeição e amor, etc. Assim, a sexualidade tem muitas dimensões: a social, a cultural, a interpessoal, a intrapessoal, a histórica, a biológica e a psicológica, dentre outras.

Skinner (1990) argumenta que o comportamento de um organismo é um produto de três tipos de variação e seleção, que são: a seleção natural, o condicionamento operante e a cultura. A cultura é o próprio ambiente social que exerce controle sobre o comportamento do grupo que a pratica (Skinner, 1974). Baum (1999) define cultura como um comportamento aprendido que consiste em um operante, verbal ou não, que é adquirido como resultado de pertencer a um grupo. As culturas, em geral, possuem as funções dos meios sociais, como oferecer modelos, dizer e ensinar; através delas seus membros solucionam os próprios problemas.

A cultura é a característica mais forte que diferencia um indivíduo de outro, pois possui importante influência para determinar os costumes cotidianos de uma dada população, que são compartilhados e passados pelo grupo de geração em geração (Baum, 1999). No entanto, seu aspecto fundamental é de que ela evolui e sobrevive de acordo com a eficácia que possui para determinado grupo para solucionar problemas a partir da emissão do comportamento (Skinner, 1974). Assim, observa-se a importância das contingências ambientais para que o indivíduo se comporte. Maakaroun, Souza e Cruz (1991) ressaltam que tudo que se refere a sexo é cercado de mistério, incompreensão e tabus

² Doenças Sexualmente Transmissíveis e Infecções Sexualmente Transmissíveis.

diretos. Sexo e sexualidade comumente são tomados como sinônimos, embora, seja consenso entre muitos autores que sexo e sexualidade são conceitos diferentes (Blackburn, 2002; Chauí, 1985; Guimarães, 1995; Maia, 2001). Dentro desse processo de repressões e frustrações a educação tem papel fundamental e significa enquadrar, reprimir, coagir, sufocar. Sabe-se que cabe aos pais (e demais tomadores de cuidado da criança e do adolescente) e professores, a responsabilidade de serem os primeiros agentes no processo educativo deles. Neste sentido, a Educação Sexual que recebemos constantemente, sobretudo, da família é um processo que pode ser silencioso, omissivo, repressor, esclarecedor ou participativo. Sabemos que os pais têm dificuldade de educar seus filhos acerca da sexualidade, sejam eles deficientes ou não, e todos somos alvos da repressão sexual vigente. No entanto, a má compreensão desses aspectos da sexualidade transformam, na maioria das vezes, pais e os educadores em figuras moralistas e repressoras. Uma Educação Sexual familiar adequada, assim como propostas formais acessíveis de orientação sexual são fundamentais para o desenvolvimento saudável da sexualidade de todos (Maia, 2006).

Relações sexuais, diferenças genitais entre o sexo masculino e feminino e práticas sexuais diversas parecem enfatizar o que entendemos por sexo. Segundo o que nos aponta Garcia (2005):

A utilização do sexo como mercadoria tem sido uma prática plenamente organizada e empregada pelo capitalismo. Há muito tempo percebeu-se que tudo o que se refere a sexo, “vende”. Essa concepção de sexualidade acabou por banalizar a maioria das relações humanas, tornando-as frias e desertizadas, ou numa pretensa erotização, apenas para vender todo e qualquer sonho, desejo ou objeto (p. 17).

Entretanto, o sexo, na cultura, se configura em representações históricas e representa um conjunto de concepções simbólicas; a isso damos o nome de sexualidade. Consequentemente temas como pornografia, paixão, machismo, feminismo, virgindade, aborto, dentre outras inúmeras possibilidades deixam de ser ‘fenômenos orgânicos’ estritamente ‘biológicos’ para ganhar sentido ‘social e cultural’ (Maia, 2001). Logo, ao refletir sobre a questão da sexualidade, essa deve ser norteadada por um entendimento de forma mais ampla, pois ultrapassa as relações homem/mulher, abrangendo questões relativas ao comportamento, atitudes, questão relacionada à identidade (semelhanças e afinidades), linguagem corporal, valores, conceitos, imagens, sentimento e o respeito pelo próprio corpo.

Embora saibamos que estar informado não é suficiente para mudar o comportamento, formar e informar jovens, não deixando a sexualidade como lacuna, é preciso. A informação que soma é uma informação associada às vivências cotidianas, que respondam aos questionamentos e curiosidades experienciadas, sobretudo, pelas crianças e adolescentes. Uma informação que se integra às necessidades e sentimentos que promove a formação e o desenvolvimento do jovem enquanto totalidade existencial (Silvares, 1999). No entanto, traçar concepções de sexualidade, diante dessa perspectiva de sociedade atual, não se trata de uma tarefa simples, não se trata de uma concepção cartesiana racionalista única e geral, mas de várias concepções e reflexões sobre o assunto, que vão além das perspectivas biológicas que, ainda nos tempos atuais, constituem-se como fundamento das informações exaustivamente fornecidas aos sujeitos.

AS PREOCUPAÇÕES DA ATUALIDADE COM A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO SEXUAL

Cabe aqui esclarecer o que se entende por Educação Sexual. Segundo Suplicy (1999):

A Educação Sexual é um processo formal e informal, sistematizado que se propõe a preencher lacunas de informação, erradicar tabus, preconceitos e abrir a discussão sobre as emoções e valores que impedem o uso dos conhecimentos, cabe também propiciar uma visão mais ampla, profunda e diversificada acerca da sexualidade (p. 12).

Complementarmente pode-se entender por Educação Sexual, “toda ação ensino-aprendizagem, seja em nível de conhecimento de informações básicas, e/ou discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionados à vida sexual” (Figueiró, 1996, p. 51). Para Silveiras (1999), a Educação Sexual, ao longo do tempo tornou-se alvo especial de uma preocupação contemporânea para os educadores, pois muitos registram e revelam o quanto é importante a troca de informações entre professor e aluno, pais e filhos sobre a questão da sexualidade, haja vista que a Educação Sexual faz parte do desenvolvimento da pessoa e de suas emoções, e as experiências da vida afetarão a personalidade do indivíduo e suas relações interpessoais.

Há que se evidenciar, pelo menos de acordo com Loyola (1990), que o desenvolvimento da sexualidade biológica e psicológica sobre influências diretas dos padrões sociais; é por meio da aprendizagem social num contexto cultural, que depende da região geográfica, da classe social, do perfil familiar, da educação religiosa e de valores e hábitos, que a expressão da sexualidade na adolescência irá se manifestar. Segundo Foucault (1990), a sociedade capitalista não obrigou o sexo silenciar-se, ao contrário, este é incitado a se manifestar e esta mesma sociedade nos convida a falar de nossa sexualidade.

Para Silveiras (1999), a Educação Sexual, ao longo do tempo tornou-se alvo especial de uma preocupação contemporânea para os educadores, pois muitos registram e revelam o quanto é importante a troca de informações entre professor e aluno, pais e filhos a respeito da questão da sexualidade, haja vista que, a Educação Sexual faz parte do desenvolvimento da pessoa e de suas emoções, e as experiências da vida afetarão a personalidade do indivíduo e suas relações interpessoais. Neste estudo, busca-se relatar a difusão social e cultural da sexualidade e analisar a visão de mundo que os autores têm nos dias de hoje.

Segundo Lopes e Maia (2001) a criança tem uma inocência e ainda não sabe significados de comportamentos sexuais, podendo os pais escolher entre ensiná-los que a sexualidade é algo bonito e responsável ou que é inadequado, proibido, escolher esse caminho é definitivo para a felicidade futura. É preciso aceitar a sexualidade da criança entendendo e respeitando a sua inocência para a partir dela passar uma informação construtiva e não destrutiva.

Goldberg (1988, citado por Figueiró, 1996) considera que, a Educação Sexual é um processo permanente de participação em lutas pela transformação dos padrões de relacionamento, com engajamento ativo, levando a educação do ponto de vista da sexualidade. No entanto, faz-se necessário salientar que a Educação Sexual segundo Pfromm Netto (1987), não deve ser vista como uma ação que ocorre à parte da educação global do indivíduo, mas, deve ser entendida como parte da dela, que consiste em um conjunto de experiências pessoais, ativas, dinâmicas, mutáveis, por meio das quais o indivíduo seleciona, absorve e incorpora informações, relaciona-as com as que já dispõem em seu repertório e as organiza, expressa ou utiliza para criar novas informações, orientar suas ações, agir junto a outras pessoas ou modificar o ambiente. Dessa forma, falar da sexualidade implica retomar alguns recursos metodológicos: a história, a antropologia, a moral e evolução social. Não se fala da sexualidade de maneira fragmentada, dividida, estanque, estacionária. As relações sexuais são relações sociais, construídas historicamente em determinadas estruturas, modelos e valores que dizem respeito a determinados interesses de épocas diferentes. Este relativismo não pode ser irresponsável e descontextualizado. Ele nos permite perceber a construção social da sexualidade sem, contudo fazê-lo de modo destrutivo ou imaturo (Nunes, 1999). É preciso então, termos uma visão dinâmica das relações sociais, compreendendo a realidade como um processo, não mantendo apenas visões conservadoras, ideológicas, entre outras, de tal forma que efetivamente, a principal tarefa da Educação Sexual seja substituir a monótona atitude de curiosidade pelas coisas do sexo por uma atitude nova, de respeito e de inteligência.

A Educação Sexual, de modo geral, é um dos grandes problemas dos pais. Hoje a Educação Sexual no Brasil pode ser ministrada pelos professores, mas torna-se necessário que, além dos conhecimentos científicos relacionados à reprodução, as questões vinculadas ao comportamento sexual, individual e social sejam debatidas e analisadas. Esse sistema de Educação Sexual e afetiva possibilitará aos educadores e educandos melhor entendimento de suas características psicosssexuais. No entanto, a Educação Sexual, em particular, tanto nas escolas, quanto nos lares, ainda é precária (Brasileiro, Nogueira Jr., Lourenço, & Almeida, 2008).

De acordo com Castro (2004) e Castro, Abramovay e Silva (2004) a sexualidade, no ambiente escolar, é tópico polêmico, considerando a multiplicidade de visões, crenças e valores dos diversos atores (alunos, pais, professores e diretores, entre outros), assim como os tabus e interditos que socialmente e historicamente cercam temas que lhe são associados.

Há os que pensam que a introdução plena e generalizada da Educação Sexual nas escolas causaria abalos em todo o sistema e criaria polêmicas entre educadores. Isso poderia ocorrer se a Educação Sexual, nas escolas, visasse tão somente à massificação de informações, sem abordar o conteúdo ético de comportamento e respeito à individualidade e à integridade humana. Destituídos de formalidade, somos sempre educados sexualmente na família, na rua, nos bares, nos cinemas, nos *shoppings*, nas igrejas, nas escolas, enfim, em todos os lugares onde existe vida, existem experiências sexuais para serem apreendidas, trocadas, usufruídas ou ignoradas (Garcia, 2005). De acordo com Werebe (1998), “A educação sexual, num sentido amplo, processo global, não intencional, sempre existiu, em todas as civilizações, no decurso da história da humanidade, de maneira consciente ou não, com objetivos claros ou não, assumindo características variadas, segundo a época e as culturas” (p.139).

Conforme Meirelles (1997), estudos mais específicos referentes à Educação Sexual, em sua maioria, apontam para uma análise voltada para o cotidiano escolar, discutindo as representações sociais dos atores envolvidos no processo educativo dentro dessa instituição. Outros teóricos ainda nos informam e orientam para como desenvolver um trabalho de Educação Sexual “adequada” nas escolas (Guimarães, 1995; Figueiró, 1996; Nunes & Silva, 2000; Spitzner, 2004), dizendo que a sexualidade do homem ainda é apresentada, na Educação Sexual escolar, como uma manifestação anatomobiológica que precisa ser controlada e disciplinada, porém revelada sob um ponto de vista higienista, moral, religioso, psicológico. O homem é didaticamente apresentado como sendo constituído por partes (sexuais). E o sexo a ser ensinado, passa sutilmente a ser revelado como o segredo, quando o é revelado. Dessa forma, a Educação Sexual deve ser um trabalho abrangente e contínuo, um processo que facilita o desenvolvimento e o amadurecimento dos diversos educandos. No que diz respeito à sexualidade, afetividade e prazer pela/com a própria vida. Quando se fala de Educação Sexual, não se restringe ao papel da escola, mas da sociedade; tampouco se acredita que programas em Educação Sexual se limitem a palestras informativas ministradas nas escolas por profissionais da saúde.

No Brasil, a preocupação com a Educação Sexual, começou no início do século XX, tendo grande influência das correntes médico-higienistas da Europa que divulgavam o combate à masturbação e às doenças venéreas, como também preparar a mulher para ser uma boa mãe e esposa. Em 1928, foi aprovado no Congresso Nacional de Educadores o projeto de um programa de Educação Sexual nas escolas para crianças acima de onze anos, como ressalta Spitzner (2004). Além das dificuldades para a implantação da educação sexual nas escolas, essa educação recebeu grandes influências da igreja nas décadas de 50 e 60, período marcado por mudanças políticas radicais. Ocorreram uma série de tentativas para a implementação da Educação Sexual nas escolas, sendo que apenas algumas conseguiram implantar em seus currículos o programa de educação sexual.

Laplate (1985) enfatiza que a Educação Sexual é como um conjunto de teorias ou práticas, formais ou informais, que abordam, numa perspectiva educativa, aspecto da sexualidade humana com

crianças e adolescentes. O objetivo mais amplo da Orientação Sexual é o de favorecer o exercício prazeroso e responsável da sexualidade dos jovens. Essas diferenças acontecem quando a Educação Sexual constitui-se em uma abordagem assistemática realizada pela família, principalmente no que diz respeito à transmissão de valores morais indissociáveis à sexualidade, pois os pais exercem legitimamente o seu papel ao transmitirem os seus valores particulares. Segundo Meirelles (1997), a Educação Sexual como um processo social no âmbito escolar, poderá ser considerada como um processo de transformação e mudança, que parte de um projeto coletivo e atinge os indivíduos, cada qual com sua busca particular do(s) sentido(s) da sexualidade.

A orientação sexual em sala de aula pode tornar-se um laboratório de possibilidades e expressão de liberdade, permitindo aos alunos, o pensar, o refletir e avaliar seu comportamento sexual (Meirelles, 1997). No entanto, A eficácia de um projeto de orientação sexual nas escolas tem sido, portanto, tema de permanente debate. Nesse sentido concorda-se com Nunes (1999) quando refere que:

Dentro desse processo de repressões e frustrações a educação tem papel fundamental e significa enquadrar, reprimir, coagir, sufocar. Sabe-se que cabe aos pais (e demais tomadores de cuidado da criança e do adolescente) e professores, a responsabilidade de serem os primeiros agentes no processo educativo deles. A educação sexual que recebemos constantemente, sobretudo, da família é um processo que pode ser silencioso, omissivo, repressor, esclarecedor ou participativo. Sabemos que os pais têm dificuldade de educar seus filhos sobre sexualidade, sejam eles deficientes ou não, e todos somos alvos da repressão sexual vigente. (p.116).

No entanto, a má compreensão desses aspectos da sexualidade transforma, na maioria das vezes, pais e educadores em figuras moralistas e repressoras. Uma Educação Sexual familiar adequada, assim como propostas formais acessíveis de orientação sexual são fundamentais para o desenvolvimento saudável da sexualidade de todos, também daqueles com uma deficiência sensorial (Maia, 2006). Apesar de ocorrerem alguns questionamentos sobre a forma com que a sexualidade é negada na nossa sociedade, pois até grande parte dos educadores consideram que a sexualidade não é importante para ser tratada numa sala de aula e nem um tema a ser cogitado no trabalho pedagógico escolar, essa educação se faz necessária para que o educando possua acesso às informações e passe a refletir sobre outros assuntos polêmicos, concernentes a tabus da própria Educação Sexual e aos mitos e aos fatos a ela relacionados.

A concepção do trabalho de Orientação Sexual, como instrumento preventivo, vem passando por inúmeras transformações. Seu espaço está sendo discutido intensamente, seja na família, na escola ou na comunidade. Quando utilizado na área de educação, decorre do conceito pedagógico de Orientação Educacional, definindo-se como o processo de influência classificada na área de sexualidade, realizado principalmente em escolas. Implica o fornecimento de informações sobre sexualidade e a organização de um espaço de reflexões e questionamentos sobre postura, tabus, crenças e valores a respeito de relacionamentos e comportamentos sexuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma educação esclarecedora exige muita atenção de educadores, pois os educandos, e, especialmente as crianças, podem mais facilmente desenvolver conceitos errôneos relativos a partes do corpo, tamanho, forma e localização de membros e órgãos de diferentes sexos. Logo, a falta de informação a respeito da sexualidade favorece a vulnerabilidade do educando, alimenta fantasias e, automaticamente, estimula a formação de conceitos errôneos e aumenta a probabilidade de ocorrerem episódios de violência e de exploração sexuais (Maia, 2006).

No entanto, traçar concepções de sexualidade, diante dessa perspectiva de sociedade atual, não se trata de uma tarefa simples, não se trata de uma concepção cartesiana racionalista única e geral,

mas de várias concepções e reflexões acerca do assunto, que vão além das perspectivas biológicas que, ainda nos tempos atuais, constituem-se como fundamento das informações exaustivamente fornecidas aos sujeitos.

A escola, ao trabalhar com a temática transversal orientação sexual, deve primar por possibilitar aos alunos o exercício e o desenvolvimento de sua sexualidade com prazer e responsabilidade, estando vinculada ao exercício pleno da cidadania na medida em que, de um lado se propõe a trabalhar o respeito por si e pelo outro e, por outro lado, busca garantir direitos básicos a todos como saúde, a informação e o conhecimento, elementos fundamentais para a formação de cidadãos responsáveis e conscientes de suas capacidades (Meirelles, 1997).

A orientação sexual visa a proporcionar aos jovens a possibilidade do exercício de sua sexualidade de forma responsável e prazerosa. Seu desenvolvimento deverá oferecer critérios para o discernimento de comportamentos ligados à sexualidade que demandam privacidade e intimidade, assim como reconhecimento das manifestações da sexualidade, possíveis de serem expressas na escola.

Contudo, a orientação sexual na escola é um grande desafio. Segundo Silves (1999), isto acontece por ser um processo altamente dinâmico, o qual exige um investimento de tempo e também financeiro, cujo projeto deverá atender pais, professores e alunos. Considera-se indispensável integrar família e escola. É desafio porque a escola deverá fomentar no aluno a capacidade de tornar-se dono de seu destino.

A orientação sexual na escola é necessária, porque os alunos, sejam crianças ou adolescentes, conversam sobre sexo, e as informações que trocam entre si são incompletas, erradas e preconceituosas. Os jovens bem informados iniciarão sua vida sexual mais tarde e com responsabilidade.

A intervenção psicopedagógica com relação à orientação sexual no ambiente escolar é pertinente, pois pode contribuir com os adolescentes no sentido de dar apontamentos, abrindo discussões por meio de palestras, exibição e discussões de filmes específicos sobre a temática e minicursos, gerando reflexões entre os adolescentes, no sentido de levantar questões referentes à sexualidade desses ajudando a esclarecer dúvidas e conflitos de forma objetiva. O professor pode contribuir, de forma a levar esse adolescente a pensar sobre a questão da Educação Sexual, abrindo possibilidades de compreensão sobre seu posicionamento, enfatizando como esse jovem se identifica e constrói sua identidade, frente à imposição dos meios de comunicação.

REFERÊNCIAS

- Alves, R. (1999). *E aí - Cartas aos adolescentes e a seus pais*. Campinas: Papirus.
- Blackburn, M. (2002). *Sexuality & disability*. Oxford: Butterworth Heinemann.
- Baum, W. (1999). *Compreender o behaviorismo*. Porto Alegre: Artes Médicas
- Chauí, M. (1985). *Repressão sexual: Essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Brasiliense.
- Brasileiro, E. S. F., Nogueira Junior, T. B., Lourenço, M. L., & Almeida, T. (2008). Meu pé esquerdo: A deficiência e seus relacionamentos afetivo-sexuais. Em J. B. Assumpção Jr. & T. Almeida (Orgs.), *Sexualidade, cinema e deficiência* (pp. 174-190). São Paulo: LMP.
- Castro, M. G., Abramovay, M., & Silva, L. B. (2004). *Juventudes e sexualidade*. Brasília: Unesco.
- Castro, M. G. (2004). Políticas públicas por identidades e de ações afirmativas. Acessando gênero e raça, na classe, focalizando juventudes. Em R. Novaes & P. Vannuchi, (Orgs.). *Juventude e sociedade. Trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Instituto de Cidadania/Fundação Perseu Abramo.
- Figueiró, M. N. D. (1996). *Educação sexual: Retomando uma proposta, um desafio*. Londrina, UEL.
- Foucault, M. (1982). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (1990). *História da sexualidade I: Vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.

- Garcia, L. J. V. (2005). *O Processo de Educação Sexual na escola: Um estudo de caso sobre a conceituação, significação e representação compreensiva de professores da rede municipal de ensino de Camboriú-SC sobre Educação Sexual*. Dissertação de Mestrado. FAED, UDESC, Florianópolis.
- Guimarães, I. (1995). *Educação sexual na escola: Mito e realidade*. Campinas: Mercado das Letras.
- Laplate, V. (1985). *Educando para a vida IV: Sexualidade e saúde*. São Paulo: Stimma.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1970). *Vocabulário da psicanálise*. Rio de Janeiro: Livraria Martins Fontes.
- Lopes, G., & Maia, M. (2001). *Conversando Com o Adolescente Sobre Sexo: Quem Vai Responder?* Belo Horizonte: Autêntica/Fumec.
- Loyola, C. (1990). Sexualidade do adolescente. Em R. C. Cavalcanti (Org.). *Saúde sexual & reprodutiva: Ensinando a ensinar* (pp. 319-326). Brasília: CESEX.
- Maakaroun, M. F., Souza, R. P., & Cruz, A. R. (1991). *Tratado de adolescência: Um estudo multidisciplinar*. Rio de Janeiro: Cultura Médica.
- Maia, A. C. B. (2001). Sexualidade: Reflexões sobre o conceito amplo. *SBPN Scientific Journal*, 5(1), 45-48.
- Maia, A. C. B. (2006). *Sexualidade e deficiências*. São Paulo: Ed. UNESP.
- Meirelles, J. A. B. (1997). Os ETs e a gorila: Um olhar sobre a sexualidade, a família e a escola. Em J. G. Aquino (Org.), *Sexualidade na escola: Alternativas teóricas e práticas* (pp. 71-86). São Paulo: Summus.
- Nunes, C. A. (1999). *Desvendando a sexualidade*. Campinas: Papirus.
- Nunes, C., & Silva, E. (2000). *A educação sexual da criança*. Campinas: Autores Associados.
- Pfromm Netto, S. (1987). A aprendizagem como processamento da informação. Em S. Pfromm Netto (Org.). *Psicologia da aprendizagem e do ensino* (pp.79-109). São Paulo: EPU.
- Silvares, E. F. M. (1999). *Sexualidade na infância e adolescência*. Em Mesa Redonda, 2 Congresso de Psicologia do Oeste Paulista, São José do Rio Preto - SP.
- Skinner, B. F. (1974). The world within the skin. Em B. F. Skinner (Org.). *About behaviorism* (pp.21-32). New York: Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1990). Can psychology be a science of mind? *American Psychologist*, 45, 1206-1210.
- Spitzner, R. H. L. (2004). *Sexualidade e adolescência: Reflexões acerca da educação sexual na escola*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá, Maringá.
- Suplicy, M. (1999). *Sexo se aprende na escola*. São Paulo: Olho d'Água.
- Werebe, M. J. G. (1998). *Sexualidade, política e educação*. Campinas: Autores Associados.
- Vasconcelos, N. (1985). *Amor e sexo na adolescência*. São Paulo: Moderna.